

Notas sobre aspectos sociais presentes no uso das tecnologias comunicacionais móveis contemporâneas

José Carlos Ribeiro¹
Luciana Leite
Samille Sousa²

Resumo

A utilização freqüente dos dispositivos comunicacionais móveis no cotidiano, sobretudo do telefone celular, indica que transformações diversas estão ocorrendo nas esferas social e comunicacional nos grandes centros urbanos. A partir de dados empíricos coletados entre adolescentes na cidade de Salvador (Bahia), identificamos comportamentos e hábitos sociais diferenciados, que podem ser avaliados a partir de uma perspectiva mais ampla, como sendo decorrentes da inter-relação cada vez mais presente na contemporaneidade, entre a adoção premente das tecnologias digitais e as implicações socioculturais de seu uso acentuado.

Palavras-chave: Comunicação Móvel; Sociabilidade; tecnologias digitais.

Introdução

As tecnologias móveis de comunicação, sobretudo o celular, sofisticam-se e ampliam cada vez mais suas funcionalidades. Em paralelo, desenvolvem-se novas formas de experienciar as diversas situações sociais através destes equipamentos, principalmente entre os adolescentes. Neste caso, o dispositivo funciona como forma de suprir demandas de comunicação cada vez mais imediatas e complexas, além de necessidades como entretenimento, segurança e controle por parte dos usuários e dos seus familiares. A convergência e a mobilidade, enquanto características inerentes destes dispositivos, surgem como pontos ideais para a estruturação das atividades contemporâneas nestes micro-contextos, uma vez que facilitam a vivência cotidiana em conformidade com um ritmo acelerado de transformações e com os novos comportamentos urbanos.

Neste trabalho, a emergência de práticas particulares vinculadas ao universo da comunicação móvel foi pensada a partir da análise dos resultados de uma pesquisa

¹ Professor Doutor do Programa de Pós-graduação em Comunicação e Cultura Contemporâneas da Facom/UFBA. Pesquisador do GITS – Grupo de Pesquisa em Interações, Tecnologias Digitais e Sociedade, e do GPC - Grupo de Pesquisa em Cibercidades. Professor Adjunto do Departamento de Psicologia (UFBA). Email: Jose.ribeiro@ufba.br.

² Acadêmicas e pesquisadoras do curso de Hipermídia da Faculdade de Tecnologia e Ciências (FTC – Salvador).

qualitativa sobre a relação dos adolescentes com os dispositivos móveis em seu cotidiano (RIBEIRO; LEITE; SOUZA, 2008). Tendo como referencial teórico de base o campo da Cibercultura, procuramos investigar os aspectos sociocomunicativos presentes nas situações interacionais ocorridas ou derivadas do uso crescente das tecnologias comunicacionais móveis e, em especial, da telefonia celular. Neste sentido, buscamos mapear as características mais relevantes que se apresentam como variáveis intervenientes na formação dos microarranjos sociais estabelecidos.

Em um nível mais específico, centramos na investigação das possíveis mudanças dos esquemas representacionais e referenciais identitários, derivadas da renegociação das noções de espaços e territórios públicos e privados, comumente observadas em situações de comunicação por dispositivos móveis. De maneira complementar, procuramos verificar em que medida estas formas de convivência, de sociabilidade promovidas e/ou potencializadas pelo uso da comunicação móvel refletem características relacionadas com as representações da sociedade contemporânea.

Para fazer esta análise, buscamos observar mais de perto alguns aspectos do comportamento adolescente relacionados à compreensão dos jovens sobre a comunicação móvel, bem como sobre a forma de utilização da mesma nos micro-contextos sociais. Justamente por isso, optamos pela coleta de dados empíricos, através de entrevistas realizadas com um grupo de 15 adolescentes (seis meninos e nove meninas) de classe social média, entre 13 e 17 anos. A partir das respostas, foi possível interpretar os dados e relacioná-los com os conceitos teóricos vinculados à Cibercultura e à interação social.

Os adolescentes e o uso das tecnologias comunicacionais móveis: aspectos gerais

A infância parece estar cada dia mais curta com a inserção precoce das crianças no universo adulto através do consumo e de novos comportamentos que há alguns anos ainda não lhes eram pertinentes. Atualmente, roupas, acessórios e aparelhos tecnológicos, como os celulares, assumem rapidamente o lugar dos brinquedos tradicionais no cotidiano infantil e passam a representar, desde muito cedo, um papel fundamental na estruturação da identidade e das relações sociais entre os adolescentes.

O mercado, por sua vez, apropria-se deste processo, criando produtos específicos para o nicho mencionado e colaborando com os novos modelos sociais (SOLOMON, 2002).

Neste contexto, os dispositivos móveis e, em especial o celular, têm se estabelecido como objetos socioculturais extremamente valorizados, tanto em virtude do aumento das funcionalidades dos aparelhos, tornando-se verdadeiras centrais de entretenimento, quanto em relação à dinâmica das transformações na forma como os indivíduos lidam com o espaço e com o tempo através da utilização deles.

Com a mobilidade, estas duas dimensões fundamentais fragmentam-se sob a forma de um ambiente híbrido, um espaço-tempo transitório entre a esfera física e a esfera virtual, costuradas pela linha do tempo intemporal (CASTELLS, 1999). E é neste território híbrido da mobilidade que surgem relações diferenciadas, nas quais os papéis sociais podem ser relativizados em função da formação de novas identidades.

A grande presença de adolescentes no ciberespaço e sua íntima relação com as tecnologias digitais vêm evidenciando formas diferentes de comunicação entre os indivíduos deste grupo. Novos modos de vestir, de falar, de interagir e, principalmente, a criação de novos hábitos passam a fazer parte do cotidiano compartilhado por eles. Como fator que interfere na configuração destes microcontextos, os celulares representam uma das principais tecnologias adotadas por esta geração. Esta afirmativa é justificada por diversos autores (CASTELLS et al., 2007; LING, 2004, dentre outros), que mencionam o fato de nenhuma tecnologia ter se difundido tão rapidamente como a telefonia móvel. A partir destas leituras, podemos presumir, ainda, que este fenômeno toma uma dimensão cada vez mais ampla, espalhando-se pelas diversas camadas sociais.

O que se percebe é que não apenas os adolescentes das classes sociais alta e média utilizam celulares com frequência para falar, enviar SMS, jogar, fotografar e acessar a internet; tem sido cada vez mais comum encontrar jovens da periferia que dominam o manuseio do equipamento e utilizam funções além da simples comunicação oral (CASTELLS et al., 2007). Tendo este aspecto como referência, acreditamos que esta abrangência seja um dos principais fatores que possibilitam a emergência de práticas sociais e hábitos diretamente relacionados às noções clássicas de identidade, que se

vinculam, de alguma forma, à faixa etária, a cada classe social ou às características específicas de algum grupo.

Haja vista a mencionada amplitude etária e social alcançada pela telefonia celular, algumas conseqüências da utilização freqüente dos dispositivos móveis no cotidiano podem ser apontadas de maneira mais generalizada. Uma das características mais salientes constatada na pesquisa efetivada (RIBEIRO; LEITE; SOUZA, 2008) foi a maneira concisa de expressão oral apresentada pelos adolescentes ao serem entrevistados. Quase todos responderam às perguntas de forma curta, objetiva e precisaram ser estimulados para desenvolverem opiniões relacionadas ao tema da pesquisa. Embora este aspecto possa ser derivado de causas circunstanciais distintas e complementares (inibição, comportamento não colaborativo etc.), levantamos como hipótese plausível que tal manifestação parece revelar indícios de que, no público estudado, aspectos comunicacionais mais amplos relacionados às trocas sociais face a face estão sendo gradativamente modificados pela utilização constante de dispositivos tecnológicos de última geração (sejam eles móveis ou não). Tal entendimento se aproxima das conclusões obtidas por Castells et al. (2007), Ling (2004), Ganea e Necula (2006), nas quais é evidenciada uma relação possível entre as alterações nos padrões e nas estratégias discursivas utilizadas e a adoção de dispositivos comunicacionais móveis.

Por outro lado, ainda de acordo com as respostas coletadas, a maioria dos jovens participantes (80%) mostrou estar bem informada sobre o universo tecnológico em geral e sobre a telefonia móvel. Mesmo assim, este grupo ainda apresenta uma visão da mobilidade bastante vinculada ao celular. Poucos lembraram de mencionar por si mesmos os *notebooks*, os *palm tops* e outros dispositivos. Quando questionados sobre a posse destes aparelhos, todos afirmaram ter o próprio celular, sempre habilitado no serviço pré-pago.

Em geral, os adolescentes pesquisados costumam obter seus primeiros celulares entre os 7 e os 12 anos de idade e têm o hábito de trocá-lo, em média, uma vez ao ano por modelos mais modernos e com mais funções. Em geral, os jovens são presenteados pelos pais em datas comemorativas como o aniversário ou o Natal. A aquisição freqüente de novos aparelhos parece indicar menos uma necessidade de auto-afirmação ou uma utilidade real para as atividades cotidianas e mais uma necessidade em

participar do universo social vinculado às novas funções que são agregadas pelos novos modelos. Um grande exemplo disso foi a mencionada ânsia por aparelhos com câmera fotográfica logo que estes surgiram, ou ainda a tecnologia *Bluetooth* e o MP3 que inauguraram terrenos móveis de compartilhamento. O fato é que se alguma prática torna-se predominante em um grupo de adolescentes, ela acaba se tornando, por conseguinte, um critério significativo de inclusão no mesmo.

Porém, se os celulares tornaram-se gêneros de primeira necessidade entre os jovens, o mesmo ainda não aconteceu com outras tecnologias móveis como os *notebooks*. Aproximadamente 87% dos entrevistados ainda não têm computadores móveis e, por isso, não desenvolveram o hábito de se conectar através da tecnologia *Wi-fi*. O preço do produto foi apontado como a grande barreira para o acesso. Assim mesmo, os jovens percebem que, de uma maneira geral, o computador móvel representa um benefício para a sociedade e poderá ter desdobramentos mais complexos no futuro.

Mais que um telefone: a convergência e a mobilidade

A utilização do telefone inseriu-se nos contextos mais diversos a partir da portabilidade, o que desencadeou um processo de redimensionamento do dispositivo para situações não-previstas. Inicialmente compartilhados publicamente, os telefones passaram para os espaços domésticos, ganharam mobilidade dentro dos carros e, atualmente, funcionam de modo muito particularizado, quase como uma extensão de cada indivíduo, acompanhando-o em todos os momentos e para qualquer lugar aonde este se dirija.

Com a invenção dos celulares, os aparelhos começaram a acumular funções de outros dispositivos e conquistaram um espaço ainda maior no cotidiano. A convergência transformou os telefones em verdadeiros computadores portáteis, servindo não apenas para a comunicação através da fala, mas para o armazenamento de dados (imagens, áudio, vídeo, texto), o entretenimento (jogos, vídeos etc.), o gerenciamento das atividades no tempo e no espaço (agenda, despertador, calculadora, GPS etc.) e das relações sociais (comunicação, controle, localização, compartilhamento).

Desta forma, o fenômeno da convergência e as novas relações de comunicação e interação que vêm sendo construídas entre os indivíduos demonstram uma tendência a

enxergarmos o celular para além da sua função de telefone, ou seja, além das inúmeras atividades que o dispositivo permite desempenhar como envio de mensagens, fotografia, vídeo, gerenciamento do tempo e das atividades etc., novas formas de comunicação e cultura estão se formando em função da lógica da mobilidade, que favorece o fluxo de informações e a interação em pontos diversos do espaço e do tempo.

Para Katz (2006), a comunicação móvel vem gerando diversas conseqüências sociais, desde a própria emergência da prática em variados contextos, o uso incessante dos SMS, o *download* de *ringtones* personalizados e a adoção crescente de serviços de geolocalização, além do caráter potencializador das relações sociais, fruto dos contatos permanentes. O resultado da pesquisa confirma tal tendência no público estudado. Para 56% dos adolescentes pesquisados, o celular não é um mero telefone, é mais do que isso, pois através dele é possível realizar muitas atividades, inclusive se conectar à Internet.

Mesmo estando conscientes do processo de convergência, a comunicação ainda é a principal função do celular para os entrevistados. Eles foram unânimes em mencionar o contato permanente com amigos, namorados e familiares como principal atividade vinculada à utilização do dispositivo. O SMS, porém, surgiu como a maneira favorita de interação, o que se apresenta de modo semelhante aos resultados de outras pesquisas, em contextos socioculturais diferentes (GOGGIN, 2006; LING, 2004). Além do relacionamento, a função do celular também esteve vinculada ao controle por parte dos pais (100%), mas não como um fator negativo na maioria das vezes, e sim como dispositivo de segurança. Também foram citados como importantes tópicos relacionados à sua utilização: o entretenimento (jogos, fotos, vídeos etc.) (100%), o uso na escola (54%) e o armazenamento de dados (34%). Alguns adolescentes (30%) afirmaram que assinam, já assinaram ou consideram a hipótese de assinar serviços de conteúdos pagos caso achem interessantes. Este último fator parece fornecer pistas de que os adolescentes sentem-se íntimos da tecnologia móvel e que estão dispostos a ampliar a sua utilização no cotidiano.

Podemos dizer que os celulares também assumiram características relacionadas à criação de identidades para os seus usuários ou para seus respectivos grupos. Fatores ligados à moda (atualização dos modelos dos aparelhos, criação de modelos especiais etc.), ao *status*, ao pertencimento a círculos sociais específicos (jogos, comunidades)

parecem interferir na maneira como os indivíduos se relacionam com a tecnologia e com as pessoas através dela. Considerando os aspectos mencionados, os grandes lançamentos têm buscado focar nichos específicos, em função das suas necessidades, interesses e valores. Assim, enquanto esportistas ganham aparelhos mais resistentes e com funções de monitoramento dos exercícios, executivos dispõem de recursos avançados de organização; já os adolescentes podem optar por modelos com acessórios, games e outros itens de entretenimento e as pessoas da alta sociedade, por sua vez, têm mais uma opção de distinção através de verdadeiras jóias em forma de celular.

A emergência de práticas sociais diferenciadas

Como já apontaram alguns autores (KATZ, AAKHUS, 2002; KAVOORI, ARCENEUX, 2006), a difusão dos dispositivos móveis, sobretudo do celular, no cotidiano dos adolescentes tem interferido de forma significativa na configuração da sua esfera de sociabilidade. O fato de possuir e utilizar um celular significa estar acessível e inserido em um ou mais grupos, partilhando informações e participando de atividades articuladas a partir do contato contínuo. De acordo com a pesquisa, aproximadamente 87% dos jovens consideram que o celular ampliou a interação com seus amigos e familiares. Em geral, eles afirmam que as pessoas se tornaram mais acessíveis e podem ser encontradas facilmente em qualquer lugar e a qualquer hora. Estes jovens percebem a característica como uma vantagem, mas reconhecem a existência de um outro lado que envolve, entre outros aspectos, a questão do controle e do rastreamento, fato este já observado em pesquisas similares, a exemplo da realizada por Ling (2004).

A partir das informações coletadas, constatamos que o aparelho se tornou indispensável no cotidiano dos adolescentes entrevistados, e 80% deles chegaram a enfatizar que possuem um vínculo de dependência. São comuns relatos de que se sentem mal ou incompletos ao esquecerem o celular em casa e ainda a sensação de insegurança e isolamento. Isto, possivelmente se deve ao fato de o equipamento assumir um caráter de extensão do corpo, ou seja, funcionar como um objeto ampliador das possibilidades físicas e psicossociais do indivíduo, conectando-o aos demais participantes da esfera social e às informações compartilhadas neste espaço.

Com o uso cotidiano da tecnologia móvel, os adolescentes desenvolvem, então, novos hábitos ou mesmo novos rituais em seu dia-a-dia. O relógio e o despertador, por exemplo, tornaram-se itens secundários, já que o celular passou a assumir tais funções e agregar ainda outras relacionadas ao gerenciamento do tempo. Dormir com o aparelho ligado, ao lado, tornou-se um comportamento corriqueiro, enfatizado por 100% dos entrevistados, que relataram fazerem uso diário destas funções. Isto também está relacionado ao desejo de permanência do contato, mesmo nas horas de sono, pois, a qualquer momento, podem surgir novos chamados através de ligações ou SMS. Ou seja, o indivíduo torna-se disponível para contatos e trocas sociais em tempo integral.

O fato de a posse do aparelho ser bastante comum também gera convenções sociais, como avisar obrigatoriamente onde se está aos pais ou namorados, não havendo a desculpa de estar incomunicável. Nesse sentido, o contato perpétuo parece ser diretamente proporcional ao desenvolvimento da tecnologia. Na medida em que as baterias dos aparelhos tornam-se mais duráveis e que surgem ferramentas como SMS, GPS, entre outras, torna-se possível a comunicação de onde quer que a pessoa esteja, podendo esta ser encontrada a qualquer momento.

A existência de rituais também pode estar relacionada ao surgimento de relações emocionais dos adolescentes com os seus dispositivos. Alguns jovens mencionaram tratar o celular como um “filho”, do qual se dispõem a cuidar, comprando acessórios e desenvolvendo maneiras extremamente cuidadosas de lidar com o objeto.

Especificamente o SMS parece estar revolucionando a maneira como os jovens se comunicam. Todos os adolescentes entrevistados enfatizaram que o recurso é aquele que utilizam com maior frequência, por se tratar de um modo mais rápido e conveniente de se comunicar. Este dado é tão significativo que alguns autores chegam a mencionar o fenômeno como celeiro de um tipo específico de cultura denominado Cultura do Polegar - *Thumb Culture* (GLOTZ, P., BERTSCHI, S., LOCKE, C, 2005). O uso intenso das mensagens de texto parece ter aumentado a troca de recados sem fins específicos, destinadas, principalmente, ao reforço dos laços de aproximação e intimidade sociais, ou em casos mais específicos a gerenciar a articulação e desarticulação de encontros. Este dado possivelmente reforça a prática habitual entre os jovens de conferir o *display* com frequência para checar novos recados e ligações.

Em relação à função de voz, podemos dizer que as meninas parecem utilizá-la mais que os rapazes, de acordo com a pesquisa. Foram comuns os depoimentos de garotos que se queixaram dos excessos de telefonemas das namoradas, irmãs, mães e amigas e da longa duração das chamadas. Esta foi a única característica percebida como diferença entre os comportamentos dos gêneros.

Além do SMS e da função de voz, a sociabilidade é favorecida através do uso das ferramentas de compartilhamento de informações. Como pudemos verificar, em torno de 67% dos jovens entrevistados costuma ouvir e compartilhar músicas (Mp3), vídeos e fotos por *Bluetooth*. Os formatos de imagem, áudio e vídeo estão entre as preferências dos adolescentes. Se estes conteúdos já circulavam com incrível velocidade e em um volume jamais visto através da internet, agora, eles ganham um caráter ainda mais instantâneo e fugaz, haja vista que podem ser trocados em qualquer tempo e em qualquer lugar, estabelecendo assim mais uma expressão que viabiliza a manutenção ou mesmo a intensificação de vínculos sociais porventura criados.

Particularmente a imagem ganhou um papel fundamental no âmbito da comunicação móvel. 87% dos jovens relataram que utilizam a câmera do celular constantemente e com muito mais frequência do que antes. Fotografar tornou-se um hábito corriqueiro, não mais vinculado aos momentos especiais ou às datas comemorativas. A fotografia integrou-se aos hábitos sociais e representa, atualmente, uma forma de comunicação essencial para os jovens. O cotidiano registrado passa a ser compartilhado de modo instantâneo e ganha o olhar pessoal de cada indivíduo que esteja munido de um aparelho com câmera.

A esfera privada invade o espaço público

Uma das discussões mais intrigantes sobre a comunicação móvel e a sociabilidade derivada pode ser a relação entre as esferas pública e privada (LING; PEDERSEN, 2005) na qual percebemos um processo de deslocamento das práticas e comportamentos mais íntimos para os espaços coletivos.

Ao avaliar a evolução dos dispositivos móveis e sua utilização, observamos que à medida que os telefones se tornaram portáteis e de uso individual, a comunicação à

distância tornou-se mais privativa. Ninguém mais precisa se preocupar com quem atenderá a ligação, haja vista que, em tese, somente o dono do dispositivo costuma manipulá-lo. Da mesma forma, apenas ele tem acesso às informações armazenadas, tem o poder de deslocar-se para lugares mais reservados, onde pode falar sem ser ouvido ou ainda enviar mensagens de texto, somente acessíveis através do *display* particular. Esse universo mais privativo, por outro lado, passou a penetrar a esfera pública, inclusive em contextos não propícios a determinados tipos de práticas. Podemos afirmar que se tornou praticamente um hábito comum falar ao celular em público, ao lado de pessoas desconhecidas. Na pesquisa realizada, por exemplo, todos os participantes assumiram que costumam falar ao celular em público sem problemas, inclusive em territórios oficialmente não apropriados, como cinema, teatro, sala de aula, dentre outros. Assim, a consciência da inadequabilidade mostra-se presente entre os entrevistados, mas eles consideram que o comportamento não atrapalha o convívio social, na medida em que este hábito é praticado pela maioria das pessoas. Por outro lado, os adolescentes reconhecem que, por vezes, tais ambientes não permitem alguns tipos de práticas, uma vez que promoveriam situações de incômodo e desconforto para as demais pessoas que porventura estivessem partilhando o espaço, no caso do cinema, ou até mesmo provocariam perigo, no caso do uso no trânsito, por exemplo.

Quando passamos a questioná-los sobre o uso do celular no espaço público, 80% dos jovens comentaram que não se incomodam com a presença de outras pessoas quando estão realizando ligações pessoais. No entanto, 54% utilizam estratégias ou alguma espécie de código para falar sobre os assuntos mais particulares ou delicados, ou ainda procuram moderar o volume da voz. Da mesma forma, eles afirmam que não lhes parece incômodo ouvir as conversas alheias; pelo contrário, 67% deles disseram prestar atenção enquanto outras pessoas conversam alto em locais coletivos. Em casos de exagero por parte do falante, entretanto, 80% dos jovens consideraram uma falta de respeito aos demais participantes do ambiente público.

Tais opiniões podem ser avaliadas como uma espécie de nova etiqueta que está se estabelecendo rapidamente a partir da utilização dos dispositivos móveis. Há alguns anos, pareceria absurdo alguém levantar-se no meio de uma aula ou de uma reunião para atender a uma ligação. Da mesma forma, chegaria a ser ridículo ou desrespeitoso alguém passar horas em silêncio digitando informações numa tela minúscula para se

comunicar. Atualmente, tais hábitos não só se tornaram extremamente comuns, como aumentaram o nível da tolerância exigida nos momentos ou espaços socialmente compartilhados. Como acontece em geral, os jovens parecem liderar o processo, inaugurando comportamentos inicialmente rejeitados pelo grande público, que depois comumente acabam sendo incorporados pela sociedade como um todo.

Algumas conclusões

As tecnologias comunicacionais móveis contemporâneas parecem estar inaugurando, de fato, novas formas de experienciar as situações sociais do cotidiano. O seu acelerado desenvolvimento e sua difusão ocorrem de modo impressionante quando comparados a quaisquer outras tecnologias. Nenhuma delas, anteriormente, expandiu-se de maneira tão veloz e ampla quanto estes dispositivos móveis.

Neste contexto, constatamos que tais tecnologias vêm promovendo mudanças significativas na vida dos seus usuários, através de funções relacionadas ao gerenciamento das suas atividades, ao entretenimento, à aquisição de informações, à comunicação e às interações sociais diversas.

A análise destes desdobramentos possibilitou compreender parte das transformações sociais a partir de dados locais, que puderam ser comparados a outros estudos sobre o mesmo tema. Percebemos, claramente, que as análises e conclusões efetivadas a partir da nossa pesquisa coadunam-se com as observações genéricas registradas por diversos autores citados ao longo do texto, de que reconfigurações sociais estão se dando de forma ampla em variados contextos socioculturais.

Santaella (2007, p. 231), em comentários que se aproximam da nossa linha interpretativa, afirma:

Para termos uma idéia da acelerada velocidade do desenvolvimento dos dispositivos móveis, especialmente do telefone celular, hoje se pode afirmar sem susto que não só a cidade, mas qualquer parte do mundo se tornou acessível ao toque de minúsculos dígitos de um pequeno aparelho que quase cabe na palma da mão de uma criança.

De maneira paralela, pudemos observar que os fatores mobilidade e convergência parecem interferir na maneira como os usuários conduzem suas atividades, numa escala bastante abrangente em termos de classes sociais e de faixas etárias. A emergência destes aspectos comunicacionais nos levaram a desenvolver articulações plausíveis sobre o comportamento dos adolescentes e sobre a interação social estabelecida entre eles.

Compreendemos que a comunicação e o entretenimento representam os principais motores das tecnologias móveis. As chamadas telefônicas, o SMS, os jogos, as fotos e os vídeos foram mencionados por todos os adolescentes ouvidos, confirmando questionamentos e hipóteses iniciais da pesquisa. Curiosamente, aspectos como o uso na escola foram citados por 54% dos jovens em inusitadas respostas durante as entrevistas. No contexto escolar, alguns alunos mencionaram utilizar o celular para gravar conteúdos explorados em sala de aula, filmar e gravar o áudio de palestras; alguns deles também confessaram o uso destes dispositivos para facilitar a realização das provas, através da consulta ilícita e, surpreendentemente, alguns alunos já enxergam a tecnologia como possibilidade a integrar-se no processo pedagógico.

Outra curiosidade foram alguns comentários sobre a possibilidade de o celular vir a assumir a função de armazenar todos os dados de uma pessoa, o que seria como “ter todas as informações das suas vidas na palma da mão”.

Estimulados a pensar sobre o futuro, sobre perspectivas de desenvolvimento para a comunicação móvel, os adolescentes em geral acreditam que já existem muitas inovações interessantes. Todos eles se mostraram dispostos a utilizar novos recursos, a assinar conteúdos, a conhecer novos serviços e não parecem ter medo de que seus dados sejam armazenados por empresas ou que o seu comportamento seja mapeado por elas.

Entre os desejos mencionados estão: a existência de agentes inteligentes e de ferramentas que possibilitem ver televisão e jogos de futebol ao vivo, fazer compras rapidamente e construir um portfólio de trabalho. A maioria destes exemplos, inclusive, já é possível na atualidade.

Diante do conjunto de dados observados e das respectivas reflexões associadas, podemos presumir que tais manifestações reforçam a idéia de que o complexo quadro

atual propicia o aparecimento de arranjos sociais cada vez mais mediatizados por dispositivos técnicos, e que tal fenômeno se revela como um aspecto que potencializa amplamente a construção e a manutenção de processos e de articulações sociais mais próximas das características representacionais do mundo contemporâneo.

Referências

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

CASTELLS, M.; FERNANDEZ-ARDEVOL, Mireia; QIU, Jack Linchuan; SEY, Araba. **Mobile communication and society: a global perspective**. Cambridge: The MIT Press, 2007.

GANEVA, A.; NECULA, G. Mobile communication – a new type of discourse ? In: NYIRI, K. **Mobile Understanding: the epistemology of ubiquitous communication**. Budapest: Passagen Verlag, 2006.

GLOTZ, P.; BERTSCHI, S.; LOCKE, C. **Thumb culture: the meaning of mobile phones for society**. Bielefeld: Transcript Verlag, 2005.

GOGGIN, G. **Cell phone culture**. New York: Routledge, 2006

KATZ, J. **Magic in the air: mobile communication and the transformation of social life**. New Brunswick: Transaction Publishers, 2006.

KATZ, J.; AAKHUS, M. **Perpetual contact: mobile communication, private talk, public performance**. Cambridge: University Press, 2002.

KAVOORI, A.; ARCENEUX, N. **The cell phone reader: essays in social transformation**. New York: Peter Lang Publishing, 2006.

LING, R. **The Mobile connection: the cell phone's impact on society**. San Francisco: Morgan Kaufmann Publishers, 2004.

LING, R.; PEDERSEN, P. **Mobile communications: re-negotiation of the social sphere**. London: Springer-Verlag, 2005.

NYIRI, K. **Mobile Understanding: the epistemology of ubiquitous communication**. Budapest: Passagen Verlag, 2006.

RIBEIRO, J. C.; LEITE, L.; SOUZA, S. As tecnologias comunicacionais móveis contemporâneas e suas repercussões na configuração das micro-relações sociais: análise a partir da perspectiva do interacionismo simbólico. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA FTC, 5., 2008, Salvador. **Anais...** Salvador: FTC, 2008. 1 CD-ROM.

SANTAELLA, L. **Linguagens líquidas na era da mobilidade**. São Paulo: Paulus, 2007.

SOLOMON, M. **O comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo**. Porto Alegre: Bookman, 2002.